ANO 2.º LISBOA--SABADO, 10 DE FEVEREIRO DE 1923 N.º 567

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

DO deputado sr. Antonio Correia recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

«Sr. Director do *Diario de Lisboa*:—O artigo epigrafado «Novos logares», inserto no jornal que v. brilhantemente dirige, no seu numero de ontem, 9, obriga-me a solicitar de v. a publicação desta carta, para colocar o assunto nos seus devidos termos.

«Não fui eu o auctor do projecto de lei que criou dois lugares de professores contratados para regerem nas Faculdades de Letras o ensino da musica e do canto coral. Tambem o projecto aprovado os não criou. Esses logares já existem ha dois anos, limitando-se a Camara dos Deputados a fixar, nos termos constitucionais, os respectivos ordenados, por proposta apresentada pelos então ministros Augusto Nobre e Portugal Durão, respectivamente da Instrução e Finanças. Requeri, sim, a sua discussão, em julho ou agosto ultimo, e só agora, novamente requerida pelo actual ministro da Instrução dr. João Camoesas, foi discutida e aprovada.

«Contudo, se tivesse sido eu o auctor do projecto, criando os discutidos logares, muita honra tinha nisso. Mas agora, apenas se fixaram os ordenados autorisando-se desta forma o pagamento do que aos professores era devido ha cerca de dois anos.

«Defendi, como me foi possivel, o projecto e dei-lhe o meu incondicional aplauso. Prestei ao dr. Elias de Aguiar, meu querido professor, amigo da maior consideração e meu colega dos tempos de Coimbra, no orfeon que com tanto amor acompanhei e a cuja direcção pertenci, as homenagens que lhe são devidas pelo seu talento, pelo seu caracter e pela sua indiscutivel proficiencia para o logar que desempenha.

«E se a memoria me não falha, o dr. Elias de Aguiar foi nomeado para reger as cadeiras de historia, estetica e filosofia da musica, canto coral, evoluções que tem tido no nosso País, e com a obrigatoriedade da regencia do Orfeon Academico de Coimbra.

«Parece, pois, desta maneira, que o decreto que o nomeou deve satisfazer o autor do artigo que me leva a escrever a v., porque a ideia que nele lança, foi tambem a que inspirou o ministro da Instrução que criou tais logares.

«Ficam assim as coisas nos seus devidos termos.

«Desculpe-me v. o incomodo que lhe causa o que pela publicação desta carta lhe fica muito grato e é de v., etc.—*Antonio Correia.*

* * *

A SITUAÇÃO espanhola, que os jornais desenhavam, muito grave, parece ter-se esclarecido, visto que a corrente predominante de que «a guerra agora não é oportuna», tendo comsigo a opinião do governo, satisfaz mais a alma nobre, mas prudente, da Nação visinha. A nota de brio, de que os altos corpos do exercito deram provas, desejando uma desforra imediata, por sua vez, contentou todos os espanhois ciosos da sua honra e da sua gloria.

* * *

OS TURCOS têm em Smirna, fechados a torpedo, alguns navios de guerra franceses e ingleses. E' de crer que a clausura dure poucos dias. O Carnaval, suspendendo em todo o mundo o imperio do sério, pode contribuir para estabelecer nos otomanos o criterio de que, mesmo presos, os navios da Inglaterra e da França, têm uma grande liberdade comsigo: a de esperarem, como se não fosse nada com eles, que os turcos abram as portas que imprudentemente fecharam!

* * *

A comissão de finanças da Camara dos Deputados foi hoje convocada a reunir-se, na segunda feira de Carnaval, pelas 15 horas, para dar parecer sobre o emprestimo e questão da percentagem ao funcionalismo.

Arriscam-se a enfarruscarem os pareceres.

O CARNAVAL

Ha pessoas que se divertem com alegria, emquanto outras não encontram prazer algum nos seus folguedos.

Uma grande parte dos foliões carnavalescos pertence a esta segunda categoria.

São sugeitos tristes que dão á sua melancolia um ar de festa.

O riso—o saudavel e inspirado riso—não se cultiva no meio da turba. Nem espera que o calendario lhe marque uma data certa para expansões.

E' demasiado volatil e caprichoso para receber ordens seja de quem fôr.

O Carnaval é uma especie de pantano para onde se escoam os oxidos do tedio.

Como o espirito não pode ser distribuido com larguesa, pois assim tornar-se-hia um vulgar bobo ou histrião, vive sómente em criaturas que detestam tudo o que seja imitação e rotina.

O Carnaval é a organização gregaria, estrondosa, animal e insalubre dos prazeres que, sendo de todos, não pertencem a ninguem.

Parece-se com o dia das eleições, quando os eleitores, muito convencidos de que vão afirmar a sua liberdade de cidadãos, forjam uma cadeia para eles e uma pequena realeza para o seu deputado ou senador.

Os mascarados chegam a convencer-se de que riem o seu riso e se alegram com a sua alegria, quando a verdade é que não é assim, visto que eles se perdem no meio da multidão, como gota de agua num enorme lago.

Só na quarta-feira de Cinzas eles se aprecebem da sua ilusão, pensando consigo que muito se teriam divertido, se por ventura estudassem o Carnaval, por detraz dos vidros da sua janela.

Todos os anos se diz que o Carnaval está de pés para a cova...

Isto, porêm, não impede que ele resurja dos seus farrapos, como um bebado que não desiste de agravar a sua bebedeira, apesar duma crise de vomito.

Seria possivel restituir-lhe aos menos a antiga fisionomia, a brutalidade das suas epocas aguerridas e truculentas?

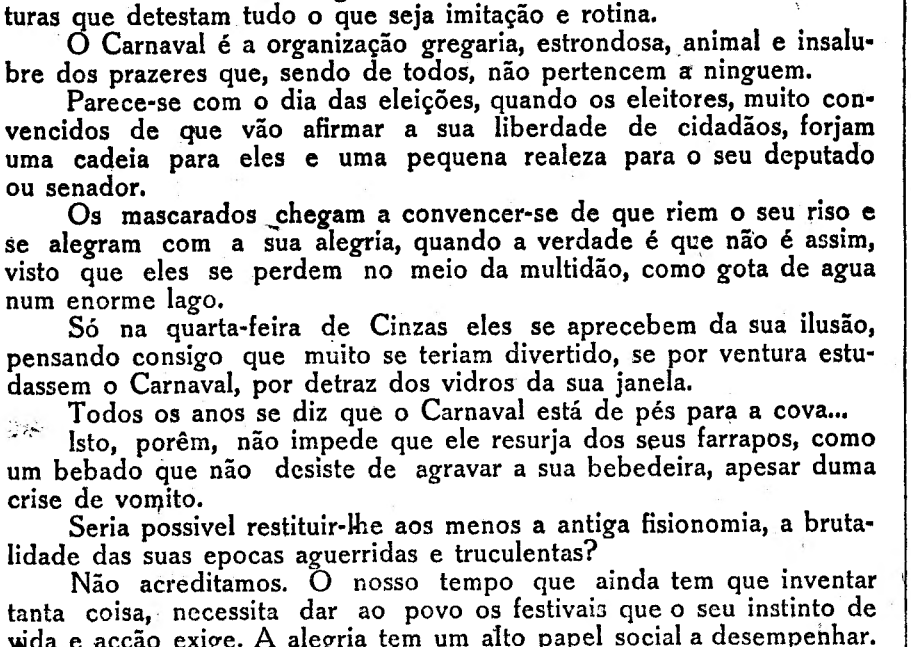
Não acreditamos. O nosso tempo que ainda tem que inventar tanta coisa, necessita dar ao povo os festivais que o seu instinto de vida e acção exige. A alegria tem um alto papel social a desempenhar.

Quando os povos voltarem a ser felizes, ser-lhe-ha facil extrair do seu otimismo um ritual para o seu entusiasmo.

O Carnaval de hoje é uma mentira como tantas outras.

Se a alguem desagradar o mal que dizemos dele, irrite-se a valer, pois assim meterá mais uma mascara na farandola destes dias.

Baile de mascaras



—Com tão enorme nariz, o teu marido ha de julgar que lhe ofereces um «encosto» para repousar a fronte...

TRADUZIMOS da *Comoedia:*

«O sr. Bonin, ministro da França, em Portugal, acaba de impôr ao sr. Cunha e Costa, iminente advogado e jornalista português, a Cruz da Legião de Honra.

Este acto de justiça, ha muito tempo esperado, realizou-se ha duas semanas em Lisboa, no decorrer duma festa realizada na Escola Francesa.

A *Comoedia* publicará, no proximo sabado, alguns detalhes interessantes da personalidade deste grande amigo da França, que será apresentado aos nossos leitores por Henri Robert, antigo «batonnier», e Georges Lecomte, antigo presidente da Sociedade dos Homens de Letras».

O *Diario de Lisboa* apresenta ao brilhante advogado as suas felicitações pela homenagem que lhe é prestada em França, que se refletirá, decerto, no nosso prestigio internacional.

* * *

NA Riviera, os ingleses, ricos, elegantes e desdenhosos, inauguram a *polo season* e gosam o Carnaval. Uma duvida os apoquenta, de vez em quando:

—«Os franceses são ainda nosos amigos?

Na duvida, apertam a carteira de encontro ao coração, reconhecendo que as «bank notes» têm talvez o poder singular de promover a hipocrisia dos sentimentos, mas de facilitar a correção nos serviços.

* * *

O avião que o governo português tinha mandado estudar, para a hipotese dos nossos aviadores um dia tentarem o *raid* ás nossas colonias, vai ser utilizado por um francês, que se propõe atravessar o Sahará em três dias.

Só por este meio ficamos sabendo que ficou sem efeito um projecto que o *Diario de Lisboa* aplaudiu, quando dele se falou, pela primeira vez.

* * *

DIZ-SE que o sr. ministro do Comercio pensa em proibir a exportação de lãs, para que os tecidos não continuem a encarecer.

Esperamos que o respectivo decreto se não demore, aliás teremos de nos vestir com a nudez severa da verdade, sem podermos recorrer ao manto da nossa fantasia, por causa do frio.

* * *

A policia prendeu ontem á noite, na Mouraria, um desordeiro que, munido duma navalha, queria agredir varias pessoas com quem embirrava. Conta já vinte prisões. E' mais um vivo exemplo de que o crime, entre nós, se produz por séries. Um fadista, por exemplo, repete o mesmo delicto trinta e quarenta vezes. A justiça, com as suas continuas absolvições, segue-lhe o exemplo.

* * *

O sr. dr. Antonio José de Almeida, ilustre Chefe do Estado, que se encontra no leito, passou esta tarde um pouco melhor.

* * *

A agua passa a custar 1$20 o metro cubico. Assim cara, é de crer que ninguem dê pela sua falta, no proximo verão.

O Carnaval

Três marcaras

O entrudo menos impertinente é aquele que o calendario regista como tal. Nesse, ao menos, a gente sabe que a mascara é mascara e que o alarido não é preparado. Rresulta espontaneamente das imagens e dos factos. No outro, no que principia logo apoz o badalar do ultimo guizo de terça feira gorda, o convencionalismo, o proprio, o imperioso fingimento vela por tudo, de modo que, verdadeiramente, empulhado a valer tambem sempre se anda. As convenções mascaram as realidades e estas fingem de casualidades. A vestimenta tapa o verdadeiro—o fingido cobre o genuino! Os nomes e classificações são muito restrictos. E até ao barbarismo se chama civilisação, ao passo que nos três dias rituais a brutalidade, a estupidez e o incrivel passam e se classificam de *natural*...

As duas quadras se egualam.

—Conheces-me?!

—Quem sou eu?!

Apesar de só agora repetidos, são o santo e a senha anuais insubstituiveis e correntios da existencia...

—Que bom procedimento!

—Que homem serio e competente!

Vive-se em permanente mascarada, sem nos conhecermos a nós proprios, nem conhecermos os outros. Cada um de nós trás a mascara que tetricamente na face afivelou a aparencia da sua vida. Esta mascara só o amor a faz tirar, o amor e tambem a morte... Então, olha-se em redor, no espelho de subito posto diante dos nossos olhos, e fica-se surpreendido, e até algumas vezes espantado, do que reconhecemos em nós mesmos...

O barulho não cessa, a confusão, os choques, os conflitos, redopiam, aumentados pelas vaidades, conduzidos pelos vis interesses, pelas necessidades do glorioso ou vil espectaculo.

—Que carneirada!

—Que pastores tão espertalhões, pela burrice dos outros!

A cavalgada não pára, egualmente, cavalgando a inconsciencia, a irresponsabilidade, o inevitavel, sob as redeas da Sorte. E como cada qual não é dono para dispôr desta e colocar o espelho na luz mais propicia, vêr-se-ha como aprouver ao Destino.

Quando muito o nosso amôr terá a côr da nossa sensibilidade: carnal se ele é carnal, espiritual se ele é espiritual. E quando as mascaras caem, no final da comedia, do drama ou da tragedia, em que as circunstancias nos envolveram, vemos o que são os mascarados; e continúa a tristeza: o efeito não nos dá mais fantasia, ignorancia ou sonho — as três mascaras que valem por si sós e nada ha que as valha para nos disfarçarmos ou nos resguardarmos dos golpes da carantonha da Realidade...

José Parreira

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18—Praça dos Restauradores—18

Pasta limpa typos «RIBOLDA»
para maquinas de escrever, numeradores, etc.
Unica em todo o mundo
Tel. N. 3158--OLIVER L.da--R. da Prata, 250, 2.°

BAIRRO CAMOES
Dr. A. Narciso
Do Hospital de Santa Marta
Rua Nogueira e Sousa, 17
(Ao Luciano Cordeiro)

PEÇA-OS EM TODA A PARTE

CRONICA FINANCEIRA

BANCOS EMISSORES

AS RECEITAS DO ESTADO
E A DESVALORISAÇÃO DA MOEDA

Em seu numero de 7 do corrente, o *Diario de Lisboa* publicou declarações do ex-ministro das Finanças sr. Peres Trancoso, que convem não deixar passar em julgado.

Referem-se á criação dum Banco da Republica e á relação entre as receitas do Estado e a moeda ouro.

Não temos a menor duvida em começar pela declaração de que discordamos dos pontos de vista do antigo ministro das Finanças. Fazemo-lo tanto mais á vontade quanto não é a primeira vez que aqui se reconhece que o sr. Peres Trancoso deixou na sua passagem pela pasta das Finanças um rastro de inteligencia e de patrioticas aspirações.

Não queremos demorar-nos na concepção tacita que ha no comentario, vindo de um oficial de marinha, á falta que possam fazer ás oficinas e aos campos os mancebos chamados a prestar o imposto de sangue. Decerto, a intenção era referir-se ao *excesso* de gente acasernada, pesando sobre o orçamento da maneira absorvente que a força armada figura no quadro das despesas publicas.

Tambem não queremos crer que s. ex.ª, depois de ter passado tantas horas más a pagar a credores dos T. M. E., possa confundir a compressão das despezas, com redução simplista do funcionalismo. Não é disso que se trata. Do que tem a tratar quem quizer arrumar a casa é de acabar com despezas inuteis, dar caça aos desperdicios para não dizer abusos, e então verificar se o quadro do nosso funcionalismo não deve ser refundido no sentido de dotar os serviços com o pessoal necessario e competente, pago com justa decencia, e travando, no interesse do proprio funcionalismo, essa maquina de fazer empregados publicos desnecessarios e a quem o Estado ámanhã não pode pagar, senão tirando aos que já lá estavam e eram precisos uma parte dos vencimentos que eles receberiam sem essa invasão de funcionarios improvisados.

Ninguem, com a cabeça no seu logar, opina que se tire o pão ao funcionalismo: o que se aconselha é que se dê o pão bastante a quem tenha o direito de o comer.

Os desperdicios, as dispensaveis despesas extraordinarias criadas pela guerra, a doença da socialisação que atacou os Estados beligerantes durante o conflito, e que tanto dinheiro custou á França e á Italia, com os trigos e os transportes terrestres, a desorganização e os «deficits» dessa em toda a parte falhada tentativa do Estado comerciante e industrial têm custado a Portugal muito mais do que as diferenças de cambio, se lhe formos a fazer as contas.

E falta saber se desse ponto se não partiu para o maior gerador de desiquilibrio cambial...

Mas o facto é que vivemos num regime de angustiada depreciação da nossa divisa.

O que quere e como quere o sr. Peres Trancoso, antigo ministro das Finanças?

Quere que o Estado actualise as suas receitas?

Como?

Cobrando-as em ouro.

Para não irmos mais longe no nosso despretencioso comentario, diremos apenas categoricamente a s. ex.ª que não deve colocar assim o problema. Para o Estado ter o direito de fazer isso (e não discutimos agora os inconvenientes e as consequencias ultimas dessa pratica) seria mister que houvesse paralelismo entre a depreciação da moeda e o custo da vida. Ora emquanto a nossa moeda está vinte e tantas vezes enfraquecida, o custo da vida em Portugal apenas subiu quinze e dezeseis vezes. Esse desvio encontra-se neste momento em todos os paises de moeda desvalorisada, e na maior parte delas o desvio sobe a dez e vinte vezes. Entre nós anda por 5 a 6.

Conclusão: as receitas do Estado devem regular-se em proporção ao aumento do custo da vida, ou com mais rigor, em relação ao desvalor do poder do coupon da moeda interna.

Querer regular as receitas pelo padrão oiro, querer tomar como regulador a moeda externa é, parece-nos e salvo o devido respeito, um erro palpavel,—que, todavia, é corrente e quasi generico.

Já não é tão geral, muito pelo contrario, está muito localizado o outro erro em que o antigo ministro das Finanças cai nessas suas considerações: a criação de um Banco de Estado.

Foi esse ponto material de longa e classica discussão de ha bons trinta anos. Então, os economistas e financeiros preguntavam:

1.° O que convem como organismo emissor: Banco de Estado ou Banco Particular?

2.° Se se verificar a segunda hipoteca deve haver um ou mais Bancos emissores?

Hoje não ha hesitações nem duvidas. Qualquer economista de relevo responde:

1.° A emissão nunca deve estar nas mãos dum Banco do Estado, mas sim entregue a um Banco particular;

2.° A pluralidade de Bancos emissores está fóra de combate.

Em resumo: a faculdade de emissão deve ser entregue a um Banco particular e só a um.

Eis duas noções nitidas: não ha paralelismo absoluto entre o desvalor da moeda e a alta do custo da vida,—pelo que a correcção das receitas do Estado deve ser feita em relação á moeda externa; é reprovada, banida da discussão dos economistas e financeiros de hoje, a creação de Bancos do Estado, com função emissora.

Quanto á revisão pautal, protecionismo, fomento, conjugação de toda a politica economica nacional, perfeitamente de acordo.

E temos muita pena de que o espaço nos não sóbre para comentarmos agora as ultimas propostas tributarias do actual ministro das Finanças, de que nos ocuparemos na proxima cronica, se tivermos vida e saude.

O Carnaval no Condes

A revista dos comicos—Max Linder, Charlot, Harold e o Pencudo

Vão ser três magnificas sessões as do Carnaval no Cinema Condes, domingo, segunda e terça-feira de entrudo, de tarde e á noite, com os mais divertidos e sensacionais programas que é possivel imaginar.

Nelas figuram as melhores comedias dos reis do riso—Charlot, Max Linder, Harold e o popular Pencudo, gracioso «certamen» dos mais famosos comicos do «écran» nas suas mais extraordinarias creações. Acresce ainda a circunstancia de ser o Condes o cinema mais proprio para as diversões carnavalescas, e o de melhor frequencia. Hoje o programa é tambem explendido: estreia-se o «Jornal do Condes 153» e repete-se a grandiosa estreia de ontem «Na tempestade», por uma das mais celebres actrizes russas, além do «film» de aventuras «Os olhos do mal» e a engraçada comedia «A virtude das virtudes».

Alegria! Alegria!

Os espectaculos e bailes do Coliseu dos Recreios são os melhores e mais baratos de Lisboa

Deve ser enormissima a concorrencia ao Coliseu dos Recreios que, hoje, como temos anunciado, inaugura a sua epoca carnavalesca com um grande e extraordinario brilho.

Pela meia noite, em seguida a um sensacional espectaculo, realizar-se-ha o primeiro baile de mascaras que deve ser animadissimo como é de uso todos os anos, tanto mais que toda a gente prefere o Coliseu por ser a casa de espectaculos e bailes mais ampla, mais comoda e mais barata de Lisboa. Para a quadra carnavalesca foram feitos caprichosas ornamentações e vistosas iluminações que hão de produzir um efeito deslumbrantissimo dada a magestade da sala que tem um aspecto imponentissimo. Amanhã e terça feira tambem se realizam duas soberbas matinées em seguida ás quais se realizarão interessantissimos bailes infantis.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Marquesa de Sousa e Holstein, condessa de Tarouca, D. Alda de Sousa e Vasconcelos Pereira Alves, D. Maria Fernanda Rebelo de Andrade, D. Guadalupe de Castro, D. Maria do Carmo Guimarães Pestana de Magalhães, D. Ana Infante Sequeira Soares, D. Eduarda de Sá Pereira e D. Nenesia Tavora de Arruda.

E os srs.:

Luiz Pizarro da Cunha Portocarrero, Luiz Pinto Leite de Bessa, Artur Maria da Silva Velez, João Lobo de Miranda Trigueiros, Guilherme Ruy de Carvalho da Cunha Sarmento Pimentel e Germano Xavier de Magalhães.

Casamentos

Estão oficialmente ajustados os casamentos das senhoras D. Maria e D. Ana de Sousa e Holstein Beck (Palmela), gentilissimas filhas dos srs. duques de Palmela, respectivamente com os srs. condes da Atalaia e de Valbom, filhos dos srs. marqueses de Tancos, devendo realizar-se o primeiro ainda este mês, na capela do palacio Palmela, ao Rato.

—Na Foz do Douro realizou-se ha dias, na igreja de Nevegilde, o casamento da senhora D. Maria da Luz de Bettencourt de Vasconcelos Correia e Avila, gentilissima filha da senhora condessa de Correia Bettencourt e do falecido conde do mesmo titulo, com o sr. conde de Paço Vieira (Fernando), filho dos srs. condes de Paço Vieira. Findo o acto religioso, foi servido, na elegante residencia da mãe da noiva, um finissimo «lunch», seguindo os noivos para o solar de Paço Vieira, onde foram passar a lua de mel. Na «corbeille» via-se grande numera de valiosas e artisticas prendas.

—Para seu irmão Antonio, foi pedida em casamento, pelo sr. dr. Eduardo Tovar de Lemos Junior, a senhora D. Maria José Sequeira Nunes, gentilissima filha da senhora D. Cecilia Sequeira Nunes e do sr. João Sequeira Nunes.

Baptisados

Ha dias realizou-se na paroquial igreja de S. Paulo, o baptisado da segunda filha dos srs. condes de Pinhel (D. Dolores e Luís), tendo a gentil creança recebido o nome de Maria Candida Isabel, da qual foram madrinha a senhora D. Maria Candida de Campos Henriques de Moura Coutinho de Almeida e de padrinho o sr. dr. Rui de Moura Coutinho Almeida d'Eça, tios paternos da recem-baptisada

A caridade

Na Liga Nava

E' hoje que nos vastos salões da Liga Naval Portuguesa se realisa o tradicional baile de subscrição levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, a favor de varias instituições de beneficencia, o qual será abrilhantado por v— dos melhores quintetos de Lisboa.

Nos salões

Revestiu grande brilhantismo a recepção semanal de quinta feira ultima nos vastos salões da residencia da da senhora D. Celeste Gonçalves e do sr. Manuel Gonçalves, á Avenida Antonio Serpa, onde durante a noite foram recebidos grande numero de grupos de mascaras que intrigaram com fino espirito a selecta assistencia, onde se contavam grande numero de familias da nossa melhor sociedade.

Pela uma hora da madrugada foi servido na sala de jantar uma finissima ceia e pelas cinco horas chocolate.

Festa de homenagem

Continua no camaroteiro do teatro de S. Luis, a troca dos bilhetes provisorios pelos definitivos tanto de camarotes e frisas como de balcão e «fauteil», para a elegantissima recita que ali se realisa na noite de 16 do corrente em homenagem da empreza Armando de Vasconcelos aos seus cronistas mundanos e nossos colegas de redação srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques.

A'manhã nos referiremos á opereta que será representada nessa noite podendo desde já afirmar que será das de maior exito do reportorio dessa companhia.

Em viagem

Vinda da sua casa de Buarcos perto da Figueira da Foz, é esperada esta noite no rapido a senhora D. Antonia da Guerra Queiroz, que vem passar algum tempo hospeda de sua filha e genro, a senhora D. Maria Raquel de Queiroz Medeiros e do sr. dr. Eduardo de Medeiros.

—Está em Lisboa, vindo do Porto, o sr. Jaime de Sousa.

—Partiu para Castend— o sr. Bernardo de Magalhães Coutinho Leite.

—Para as Caldas da Rainha partiu o sr. Salomão Levy.

—De Coruche partiu para Aveiras de Cima, o sr. João Mineiro.

—Partiram para Menton a senhora D. Julia de Mendonça e sua irmã D. Ernestina.

TEATRO SALÃO FOZ

1.° espectaculo de Carnaval

Grandes novidades e surpresas por NASCIMENTO FERNANDES — A representação da engraçada comedia

O Arroz Doce

AVISO — O espectaculo começa ás 21 horas, abrindo as portas do teatro ás 20,30, a fim de os espectadores terem bastante tempo para se entregarem aos folguedos carnavalescos — Constante gargalhada

EDEN-Teatro

COMPANHIA DE REVISTAS

Inauguração dos espectaculos de Carnaval

2 espectaculos, ás 8 1|4 e 10 1|4, 2

1.ª sessão ás 8 1|4, a representação da revista em 2 actos TIC-TAC com a estreia do quadro novo O VELHO ENTRUDO

2.ª sessão ás 10 1|4, a representação da revista em 2 actos TIRO AO ALVO com o quadro novo «Fitas Faladas»

AMANHÃ, DOMINGO

O MESMO PROGRAMA DE HOJE

"VASPAEL"

GRANDE LICOR DE SOBREMEZA

DEPOSITO GERAL

70, 2.°—RUA AUGUSTA—70, 2.°

TELEF. C. 1196

SONETOS

TESTAMENTO

A MINHA FILHA

POR EÇA LEAL

—Filha, não te comôvas, nem sorrias
do que te vou dizer neste momento...
E' o ultimo pedido, o testamento
dum martir que sofreu mil agonias.

Quando eu findar os meus amargos dias,
(hora em que tenho todo o pensamento)
não soltes lagrimas, nem um lamento...
rodeia-me de festas e alegrias...

Põe joias, flores, o teu vestido em faile
branco... e, á noite, darás um grande baile
em que se danse e cante com delirio!...

Sofri tanto — repete-o a essa gente —
que quero festejar condignamente,
ruidosamente, o fim do meu martirio!

ELA

—E' hoje, emfim, que a espero receber,
amigo!... Entra, está toda a casa em festa!
Ornei o *hall* com flores de cacto e giesta...
E' lindo! A sala... (chega a entontecer

com tanta rosa!) E o quarto... vem-n'o ver...
tem mil orquideas... (esmerei-me nesta
quadra...) E agora, como crês, só resta
que essa Mulher—que ha tanto anceio ter

nos meus braços, numa insofrida pressa—
não falta á sua timida promessa...?
Pois enganas-te, moço inexperiente,

tomára eu que nunca Ela viesse,
nunca!—para que o nosso amor pudesse,
(Bemdito Deus!) durar eternamente!

TOMAS D'EÇA LEAL

SORTILEGIO

Sinto a fascinação do teu olhar
Opio que me embebeda até cair
E me estonteia, exalta e faz sonhar,
Numa fatal volupia de fakir.

De tanto o ver acabo por sentir
Toda a minh'alma a desfazer-se, em luar,
Num noivado de estrelas, a sorrir,
Entre visões de auroras, a cantar.

Na solidão noturna do meu ser,
Meu coração, tu vais amanhecer,
Rasgar clarões nas sombras do meu peito

E ser, na palidez do colo dela,
—Como na Via-Létea, imensa estrela—
Em farrapos de luz, todo desfeito...

AFONSO DE CASTRO

TEATRO NACIONAL
Telef. N. 3049
ESPECTACULOS DE CARNAVAL
HOJE — ás 20,30 em ponto
A desopilante comedia de ANDRÉ BRUN
A VISINHA DO LADO
A's 11,30 — Deslumbrante baile de mascaras
A'manhã — **A VIZINHA DO LADO**
Deslumbrante baile de mascaras

APOLO Telef. N. 4129
HOJE
Recita de JOSÉ CASTELO BRANCO
SARAIVA, electricista deste teatro
DESPEDIDAS da revista
LUA NOVA
A'manhã — Inauguração das RECITAS DE CARNAVAL — Os mais alegres, deslumbrantes e divertidos espectaculos, e tambem os mais baratos de Lisboa, visto que os preços, em todos os logares não são aumentados.

Divorcios, cobrança de dividas, processos de casamento, Lei do Inquilinato (consultas) aos proprietarios, cobrança de rendas e todos os serviços referentes á «Propriedade», acções de despejo, notificações e quaisquer outros assuntos judiciais, ou comerciais, repartições publicas, informações, etc., se trata com zelo economia e rapidez, na
Primeira Rua Particular aos Prazeres, 19, 2.°, dir.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

EPISTOLARIO

O POETA

CLAUDIO JOSÉ NUNES

ESCREVE A UM AMIGO

UMA CARTA ELEIÇOEIRA

Eis uma carte eleiçoeira de um poeta quasi esquecido, dirigida a Alvaro Frederico Martins funcionario do ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Claudio José Nunes autor do livro de versos *Scenas Contemporaneas*, prefaciado por Latino Coelho e publicado em 1873, nasceu em 1831 e faleceu em Bemfica em 3 de Outubro de 1875.

O nosso amigo e distinto critico o sr. Fidelino de Figueiredo consagra-lhe algumas paginas do seu livro *Historia da literatura realista*, das quais transcrevemos o seguinte juizo: «Mas sendo, como foi, artisticamente muito secundario, Claudio José Nunes, pela elevada nobreza dos seus themas, pelos ensaios perseverantes do verso alexandrino, pelo conhecimento e pratica de tudo que constituia a esthetica da poesia do seu tempo, pelo sôpro epico, que, de onde em onde, anima as suas composições, tem de direito menção».

Filiado no partido progressista historico, de que era chefe o 2.° Marquês de Loulé, foi eleito deputado em 1862 e escreveu o folheto politico *Verdades amargas*.

Na carta alude-se ao antigo farmaceutico de Belem, Pedro Augusto Franco, conhecido pelo *Xarope*, mais tarde elevado a Conde do Restelo. No seu citado livro vem uma satira politica intitulada *D. Xarope*, de que é protagonista o mesmo amavel e prestante titular, satira que o ilustre escritor o sr. Alberto Pimentel relacionou na interessantissima publicação *Poemas Heroi-Comicos Portugueses* (*verbetes e apostilas*), ha dias vinda a publico.

Henrique de Campos Ferreira

CONFIDENCIAL

Meu querido Alvaro

Fiquei hontem furioso comtigo por te esgueirares á franceza, carregando ainda em cima com o meu velhote.

Vamos ao que serve.

Vem hoje no *Jornal de Noticias* uma destas annunciando que se falla, no nosso circulo, nas candidaturas de Alvaro Martins, Duarte Pedroso, D. João da Camara, João Ant.° de Souza, Pedro Franco e Claudio.

Isto provavelmente é encommenda do *Xarope* para por em confusão os eleitores.

Parecia-me pois, *muito util* que se mandasse para o mesmo Jornal a seguinte communicação, pouco mais ou menos:

Ill.mo S.r Redactor

«No seu jornal da 28 do corrente, diz V. S.ª que lhe consta o fallar-se nas candidaturas dos abaixo assignados, pelos Concelhos de Belem e Oeiras. Permitta V. S.ª que lhe digamos que não está bem informado.

Os abaixo assignados estão resolvidos a apoiar a candidatura do seu amigo pessoal o Sr. Claudio José Nunes, que, com tanta sollicitude e independencia *(arranja isto como quizeres)* tem sempre representado no parlamento o circulo n.° 110.»

Louvor em bocca propria é signal d'asneira. Creio porem que tu percebes a conveniencia de se dizer alguma palavrinha doce a meu respeito.

Aquelle communicado para produzir effeito deve ser assignado por todos 4: tu, D. João, Souza, e Pedroso.

Creio que nenhum d'elles se recusará a isso.

Como do Pedroso se não diz o primeiro nome, pode qualquer d'elles assignar.

Toma este negocio na consideração que te merecer.

Se te parece que é conveniente, arranja-o; senão, não penses mais em tal.

Na 5.ª f.ª vem cá os amigos de hontem para se decidir o que se ha-de fazer. Como não ha feira da ladra nesse dia; cá te espero.

Sempre teu
Am.° e c.° m.to obg.°

Claudio José Nunes

TEATRO DE S. CARLOS
HOJE — 19.ª recita ordinaria — Ultima representação do **BARBEIRO DE SEVILHA** desempenhando os papeis de Figaro e D. Basilio os notaveis artistas Ivantzoff e Kaidanoff e o de Rosina a celebre soprano ligeiro Ada Sari
AMANHÃ — 20.ª recita ordinaria — Ultima representação da WALKYRIA
Segunda e terça-feira de Carnaval — Recitas ordinarias — Duas unicas representações da opera PALHAÇOS entrando os grandes artistas Kirchoff, Dahmen e Ivantzoff e novos bailados pelos primeiros bailarinos russos e pelo corpo de baile

TEATRO SÃO LUIZ
Grande festa de Carnaval
Espectaculo de gargalhada — Ás 8 da noite
A revista em 1 acto e 3 quadros, original de VARIUS, musica original e coordenada por CRUZ BRAZ
FRUCTA DO TEMPO
A festejadissima opereta
A ULTIMA VALSA
A' meia noite — Deslumbrante baile de mascaras

UMA CARTA

UM "FLIRT"

QUE ACABA MAL...

POR MARIA

Minha amiga

Não faço literatura, bem o sabes...

Só escrevo cartas e essas mesmas de amizade, das proprias cartas de amor, perdi o treno ha muito tempo.

Essas cartas que sempre representam um papel importante em duas vidas despertam sensações bem diferentes em quem as lê.

Se em nós proprias assim acontece!

Conservas as tuas cartas de amor?

Já experimentaste lê-las algumas vezes depois de terminado o sentimento que as inspirou?

Que sorriso de ironia para as nossas frases de ternura, para os nossos juramentos de eterno afecto, respondendo a identicas promessas!

Essas longas cartas de paginas e paginas são filhas de uma epoca doentia dos nossos nervos excitados.

Tenho por elas a maior consideração e a maior descrença pelo sentimento que as inspirou.

Teatralidade, exibicionismo, alarde de literatura, tudo, menos amor!

A mania de escrever apoderou-se de tal forma das mulheres que aquelas que não conseguem publicar a sua prosa... arranjam um namoro, ou um amante para ter quem as leiam.

E, tambem, os homens pouco mais utilidade têm! Egoistas, incapazes de se apaixonar e entregar sinceramente nem a uma mulher nem a qualquer ideal, sem outro fim do que não seja as suas conveniencias, pouco mais merecem ser na nossa vida, do que o pretexto das nossas cartas; o manequim que vestimos com as nossas ilusões, com a nossa ternura. São eles proprios que nos fazem calar o nosso sentimento . . .

Como em pleno equilibrio moral nos deixariamos arrastar por essas criaturas tão diferentes de nós?

O nosso temperamento ainda que modificado pela vida moderna, a nossa sensibilidade, as nossas leituras, tornam-nos impressionaveis e toda a nossa inteligencia é incompetente para nos defender do coração.

Crê minha querida, o amor é uma doença apenas.

Há doenças morais, como há doenças fisicas, semelhantes nos sintomas, e até identicas na convalescença. A amorosa é uma doente; o amor é um caso; só por doença se pode amar. Uma doença terrivel que produz estragos na alma e deixa vestigios, anos depois de curada!

Sou eu quem o assegura, eu, que sempre me considerei defendida de tais males pela força da minha razão.

E' um capitulo triste dos ultimos tempos, a que pôs termo um mal entendido.

E' uma historia sem o menor interesse. Se houve lagrimas, ao menos posso dizer com orgulho: não houve desilusões nem cartas...

Que tragedia a acrescentar á outra, essa das cartas no momento do rompimento!

Estás a ver a scena: Ele chega com o precioso embrulho, e de que tamanho! As mulheres só sabem escrever muito e depois a letra moderna grande e rasgada, exige esse papel enorme que tanto nos agrada para expandir o nosso entusiasmo.

A entrada é bastante ridicula, mas a continuação? A' vista do precioso tesouro, ela chora; Ele comove-se e todo tremulo formula recriminações. Os homens recriminam sempre ainda que saibam que só têm culpas, e depois com outro embrulho bem mais pequeno em troca do que trouxe, sai o galan.

Ela fica verificando se está completa a colecção, mas aqui outro ponto da tragedia. Faltam cartas. Para que as guardaria. Para fazer mal? Porque ainda gosta e quer rele-las de vez em quando? Pretende servir-se d'elas mais tarde, quando o seu capricho lhe derpertar o desejo de uma recordação.

E aqui tens um assunto sem novidade, mas de inexgotavel interesse.

Um «flirt» que acaba pela volubilidade de um dos personagens, que pode ser para defesa do nosso sexo o homem. Tua

Maria

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA
Telefone 3028 N.
C.' REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE — Recitas do Carnaval — **ás 20,45**
Extraordinario exito de gargalhada
O OUTRO EU
A seguir á recita
Grande baile de mascaras

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.° (Junto ao Rocio).

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

A Festa da Primavera

Com que então v., caro Luiz de Oliveira Guimarães, pensa na festa da primavera e acha que todos nós, os novos, envelhecemos? A ideia parece-me interessante, curiosa — para empregar o seu adjectivo predilecto,—digna de si, do seu espirito—mas dificil de pôr em pratica. V., muito amavel, amabilidade que descende, em linha recta, do seu temperamento, e do genero de literatura que cultiva, deseja saber a minha opinião, não é verdade?

Meu caro Luiz de Oliveira Guimarães, a festa da primavera será a festa dos novos, como v. pretende — mas resta preguntar de que novos? V., literato do Chiado, absolutamente do Chiado, certamente não ignora — sem que seja essa, porém, uma das blagues do dr. Bonifrates — que a geração — se existe, realmente, uma geração — está dividida.

Dum lado estão vocês todos — rapazes da Hora, da Hora que Antonio Ferro inventou, seguindo, quasi de joelhos, o artificio todo desta civilização postiça e fazendo das palavras uma especie de balões venesianos. Do outro, os que ainda sentem emotivamente a vida; os que ainda teem pela Arte, expressão elevada aos setimentos humanos, o respeito que se deve ter por Deus.

Eu não lhe disse isto, outro dia, quando v. me expoz a sua ideia, debaixo do chilrear da pardalada do Camões, porque estava com pressa — e perdôe-me que tivesse pressa ao pé de si, v. que prende tanto a gente com o magico poder das suas palavras incisivas— e sempre, como as mulheres, de saias curtas. Mas não esperaria v. esta opinião de mim, v. que me conhece suficiente para não se enganar com os adjectivos que lhe mereço?

Ontem contemplei mais demoradamente um postal que tenho numa das paredes do meu quarto e que reproduz a Primavera *de Botticeli. V. conhece, não é verdade? Se fosse possivel realizar, com os novos e com as novas, uma primavera assim!*

Mas é tão dificil nos tempos de hoje, sobretudo nesta Lisboa de hoje, fazer resuscitar Anacreonte!

ALVES MARTINS

O ministro do Comercio

visitou hoje o Instituto de Medicina Legal

A convite do director do Instituto de Medicina Legal, sr. dr. Azevedo Neves, o sr. ministro do Comercio visitou hoje a Morgue de Lisboa, acompanhado do seu secretario, engenheiro sr. Abreu.

O sr. dr. Queiroz Vaz Guedes ficou pessimamente impressionado com o estado vergonhoso em que se encontra aquele estabelecimento e prometeu ao sr. dr. Azevedo Neves empregar todos os esforços para se obter verba para, até ao fim do corrente ano economico, ficar concluida a parte do edificio em construção, destinada aos serviços da Morgue.

Lotaria de hoje

Numeros mais premiados

7363 . . .	60.000$	234 . . .	1.000$
1572 . . .	20.000$	3802 . . .	1.000$
9951 . . .	5.000$	9144 . . .	1.000$
8452 . .	3.000$		

Ao Povo de Lisboa

CONVITE

A Comissão Intelectual Pró—Marrocos, convida o povo de Lisboa a comparecer ámanhã, domingo, ás 15 horas na estação do Rocio, afim de saudar os ilustres vinte e seis frades gondoleses, que compõem a Missão que se destina a Marrocos.

UM PASSEIO DE ESTUDO...

O GOVERNO

MANDA A MADRID

OITO ESTUDANTES

PASSAR O CARNAVAL

E ESTUDAR AS BASES DA "RESIDENCIA DOS ESTUDANTES"

O sr. dr. Simões Raposo, assistente de histologia na Faculdade de Medicina, quando presidente da Federação Academica de Lisboa, tomou a iniciativa de tentar a fundação, entre nós, a exemplo do que ha lá fora, duma Residencia dos estudantes e duma junta de ampliação de estudos.

Para isso, foi ter com varios pedagogos distintos, a quem pediu para se comprometerem a dirigir, em devido tempo, tão pesada obra, oferecendo-se para os ajudar no que necessitassem.

Quando abandonou a Federação Academica, por ter concluido o seu curso, varios membros da nova direcção, entre eles o sr. Mario Gusmão Madeira, pediram-lhe que prosseguisse nos seus trabalhos. Fê-lo, tendo até o dr. Antonio Granjo combinado arranjar uma dotação para esse fim, quando sobreveiu o 19 de Outubro e a sua morte. Continuou a ocupar-se do assunto, tendo ainda ha dias procurado falar ao sr. ministro da Instrução. Comunicou-lhe este no dia 1 que podia aparecer quando quizesse, para estudarem a questão.

Quere dizer: no ministerio da Instrução não se ignorava que a iniciativa da Residencia e da Junta era do sr. dr. Simões Raposo e que este nunca descurara o assunto, tendo já realisado alguma coisa de pratico. Pois, apezar disso, ha dias, seguiram para Madrid, com as passagens pagas pelo ministerio da Instrução, e incumbidos oficialmente de estudar a questão da Residencia, três representantes das Federações academicas de Lisboa, Porto e Coimbra e mais cinco estudantes.

—E' claro que extranhei o facto—diz-nos o sr. dr. Simões Raposo na biblioteca da Faculdade.—Lá que o sr. ministro da Instrução quizesse proporcionar aos oito rapazes um Carnaval divertido em Madrid, estava bem. A mocidade precisa de gosar, de dar largas ao sangue. Mas, incumbi-los de estudar as bases da Residencia dos estudantes, uma coisa séria e complicada, exactamente durante o Carnaval, lá me parece brincadeira carnavalesca.

O sr. dr. Simões Raposo está, e com razão, melindrado pela desconsideração que tal facto representa para ele:

—Pois se eu venho estudando o assunto ha dois anos, com o conhecimento das instancias oficiais, se o Chefe do Estado me tem dado o mais carinhoso apoio, se a Legação de Portugal, em Madrid, constantemente me envia informes sôbre detalhes que não julgo suficientemente esclarecidos nas publicações da Residencia, estando eu até em negociações com esta para uma visita na melhor época—que não é a do Carnaval—e se o sr. ministro da Instrução sabe tudo isto—parece-me que devia ser consultado antes de se mandarem a Madrid os oito estudantes. Não é porque eu queira ir a Madrid, por conta do Estado, tanto mais que tencionava passar por lá no regresso do Congresso Anatomico e de Sciencias Naturais de Lyon, onde vou lêr o meu trabalho sôbre regeneração nervosa. Mas, o que me impressiona, é este *atropelamento* de quem trata a sério das questões, feito inconscientemente, no ar, como se tudo isto fôsse um grande Entrudo...

—Algumas ideias sobre a Residencia e sobre a Junta...

—Quasi todos os estudantes universitarios são da provincia. Vivem em Lisboa em mansardas infectas. São assim atirados para a rua, para os cafés. Não podem, por isso, não só estudar convenientemente, mas fazer a sua preparação para a vida...

—A Residencia, nesse caso...

—Deve ser, como a de Madrid, como as de varias cidades francesas, belgas, inglesas e americanas, a *casa* dos estudantes, com todo o conforto, com todas as condições necessarias. No dia 3 de março desenvolverei as minhas ideias sobre o assunto e exporei o que já tenho realizado, numa conferencia organisada pela *Contemporanea*.

* * *

O sr. dr. Simões Raposo deu a sua adesão á *Universidade Nova*, da iniciativa do sr. dr. Celestino Soares. A *Universidade Nova* não é mais uma universidade a juntar ás outras. E' um organismo independente, onde devem juntar-se as varias organisações tendentes a revolucionar o ensino universitario, introduzindo nele a especialisação tecnica que será o elemento mais importante para o nosso desenvolvimento scientifico:

—Devemos mesmo mandar ao estrangeiro estudantes que revelem qualidades, adquirir a preparação necessaria para serem os mestres das novas gerações academicas.

E já que falámos no nosso desenvolvimento scientifico:

—A acção da Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturais, iniciada em 1908, é verdadeiramente notavel. No seu boletim, nas suas memorias, em francês, e no *Jornal de Sciencias Naturais*, escrito em português e publicado trimestralmente, registam-se, não só os resultados das investigações dos homens de sciencia portugueses, mas as mais recentes descobertas da sciencia mundial, para que as conheçam os portugueses:

Mais:

—O dr. Joaquim Fontes deve brevemente realizar uma conferencia, inaugurando o Museu de investigações pre-historicas, por ele organizado.

* * *

E a fechar:

—Ainda sobre o caso da *Residencia*. Como visse a noticia da partida dos estudantes, e tivesse o convite para ir lá quando quizesse, procurei, no Ministerio da Instrução, o sr. João Camoesas. E sabe o que me responderam?—«Só depois do Carnaval... Antes disso, o sr. ministro não recebe.»

—Bem dizia o sr. doutor que isto tudo era brincadeira de Entrudo...

TEATRO APOLO

EMPRESA RUAS, LIMITADA

COMPANHIA JOSÉ RICARDO

DE QUE FAZEM PARTE

Eduardo Brazão, Maria Matos e Ilda Stichini

22 de Fevereiro (estreia) — 1.ª representação da peça extraida do romance de JULIO DINIZ

OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA

No camaroteiro está aberta uma assinatura para 5 recitas, com 5 peças novas, incluindo a estreia, sendo duas originais

Pelos teatros

O Carnaval

S. Carlos

Representando-se pela ultima vez a opera de Rossini «Barbeiro de Sevilha», realiza-se, hoje neste teatro a 19.ª recita ordinaria. A'manhã, domingo, ultima representação da «Walkyria» em 20.ª recita ordinaria e segunda e terça feira de Carnaval em 21.ª e 22.ª de assinatura ordinaria as duas unicas representações dos «Palhaços».

Nacional

Hoje a «Visinha do lado» e baile de mascaras; ámanhã, repetição da mesma peça e 3.º baile de mascaras; na segunda feira, «Boubouroche» e «O homem que passa» baile infantil, em «matinée» e á noite baile de mascaras e na terça feira, «Peraltas e Secias, baile infantil e baile de mascaras.

Politeama

Iniciam-se hoje os espectaculos carnavalescos representando-se a comedia «O outro eu». A seguir á recita realiza-se o 1.º dos grandes bailes de mascaras anunciados. A'manhã o espectaculo é constituido pela comedia «Cautela com a Fernanda»; na segunda feira repete-se «O outro eu», dando-se na terça feira a «Menina virtuosa».

Apolo

A'manhã, com a revista «Lua Nova», começam as recitas de carnaval. A peça será exibida com sensacionais surprezas.

Eden

E' hoje que se inauguram os espectaculos de Carnaval. Sobe á scena na 1.ª sessão a revista «Tic-tac». Na 2.ª sessão representa-se a revista «Tiro ao alvo».

Gil Vicente

Sobe ámanhã á scena, em «première», a revista em 2 actos e seis quadros, intitulada «Ordem e leil...», original de A. Victor Machado, com musica original e coordenada do maestro Sotero Simaria. O «compère» está a cargo do actor Luiz Madrugo.

Atrás do reposteiro

A estreia da companhia José Ricardo, que vai funcionar no Teatro Apolo, realiza-se no dia 22.

— Foram interrompidos, devido ao Carnaval, os ensaios da peça «A Ribeirinha», de Francisco Lage e Correia de Oliveira, que deve subir á scena ainda este mês no Teatro Politeama.

— Em Madrid, no Teatro Real, está-se cantando «O Principe Igor», a opera russa de Brodine.

— A «Gaité», de Paris, fez «reprise» da «Fille de Madame Angot».

— Parte hoje para as Caldas da Rainha, em «tournée» artistica a companhia do actor A. Gambôa, que ali vai dar uma serie de espectaculos com a revista «Valha-nos Isso! . . .».

— É no dia 15, no Apolo, a festa artistica da actriz Julieta Soares, constituindo o espectaculo a representação da revista de Schwalbach, intitulada «Ao Deus dará...»

CARTAZ

S. Carlos — Ás 21 — «Barbeiro de Sevilha».
Nacional — Ás 21 — «A visinha do lado».
S. Luis — Ás 21 — «A ultima valsa».
Politeama — Ás 21,30 — «Outro eu».
Avenida — Ás 21,15 — «O conde barão».
Apolo — Ás 21 — «Lua nova».
Eden-Teatro — Ás 20,15 e 22,30 — «Tiro ao Alvo».
Salão Foz — Ás 21 — «O Az».
Coliseu dos Recreios — Ás 21 — Companhia de circo.
Gil Vicente — Aos domingos e segundas-feiras. «O Diogo Alves».

Animatografos e variedades

Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos — Ás 20,30 — Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

POLITEAMA HOJE

OUTRO EU

RECITAS DO CARNAVAL

O 19 de Outubro

Segundo informação, do T. M. T. M. não é verdade que já tenham sido pronunciados do art.º 212 do C. P. C. E. os oficiais e sargentos acusados de terem secundado no Porto o movimento revolucionario de 19 de Outubro de 1921, pois o respectivo processo se encontra ainda em sumario, sendo provavelmente só depois de terminar o julgamento dos oficiais que estão sendo julgados em Santa Clara, que o sr. juis auditor nele dará o seu parecer.

Quanto a processos de Castelo Branco, Elvas, Viseu e Evora, nenhum conhecimento a respeito deles ha, até agora, no Tribunal Mixto Militar Territorial e de Marinha.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — **A Cidade** — CRONICAS E ENTREVISTAS

MEMORIAS VIVAS

Como era o Entrudo

HA QUARENTA ANOS

Uma hora de palestra com o actor José Ricardo

Nos teatros e nas ruas --- A "jeunesse dorée" --- D. Luiz jogando pasteis em S. Carlos

O que foi o Carnaval de há quarenta anos! Como se brincava! Como se amava! As suas tragedias e os seus ridiculos. As suas farças e as suas epopeias. Se o riso era como o de hoje. Se Pierrot existia. Como o «D. Maria», como o «Trindade», como o «S. Carlos», no tempo em que não havia «écrans», hoje belezas mortas, mumias de ouro, com dourados e cristais, davam a Lisboa, três dias de gracioso sorriso, perfumado a violetas, empoado, seda branca de dominós, figuras de Saxe, cabeleiras á francesa.

O que foi tudo isso!

Anda, leitor, antes que seja quarta-feira de cinzas, cinzas verdadeiras e palpaveis que o «balais» do municipio leva, serpentinas irisadas, confectis de fogo, dos dois quarteirões da Avenida, onde a malicia da Maria Parda tem arame farpado e Bocage, por entre os grupos é perseguido pela policia — vem, leitor, a passo miudinho, sobe, bate á porta, inquire se José Ricardo está, vê como ele caminha, como ele se senta no cadeirão D. João V e fuma, e ri, e conversa e desenha tipos e dá alma a velhas figuras e te põem na retina, milhares e milhares de cores.

—O Carnaval morreu! Sileno já não canta... O que foi o seu tempo, neste tempo, José Ricardo!

Sessenta anos que se agitam. Meio seculo de recordações encadernadas em pele humamana. Que é só folhear para se encontrar o que se quere.

—Os melhores bailes eram os de D. Maria. «Jeunesse dorée», os Avilez, os Menezes, os Biester, os Angejas, todos aqueles que o Marrare, o velho Marrare, reunia em noites de airada e de esturdia...

—E os bailes, como eram os bailes? Como os de hoje?

—Não!—E nega como se nós tivessemos blasfemado. Era Veneza, uma pequenina Veneza, Carnaval dourado dentro da sala de D. Maria. Atiravam-se violetas; ovos cheios de serradura... E por toda a sala, dominós, belezas frescas, graças finas, que caiam como dardos de oiro...

José Ricardo fala como se ainda visse. São figuras que andam na sala. Pares galantes, cujo sorriso da descoberta era uma vingança.

—Nesse tempo o D. Maria tinha bailes no salão nobre e na sala dos espectacules. O terraço que dá para a estação, servia de restaurant. Gastavam-se contos em «champagne» e corações no amor facil.

—E sempre cheios...

—A casa ardia: musica e luz. O terraço já não podia conter tanta gente. Os refrescos passavam pelas escadarias; fazia-se aí tambem «restaurant».

—Era o melhor baile!

—Era! S. Carlos para o rei e para a aristocracia. O D. Luís a atirar pasteis e «croquets»... No Trindade, era o Bairro Alto. Marujos e as mulheres da rua da Barroca.

—E no Chiado...

—O Chiado tinha delirio. As paredes, na quarta feira de cinzas estavam pintadas a ocre. Ovos e ovos que se esborrachavam. Do «Turf» atalaiava o cortejo vitorioso das mascaras e dos carros, a mocidade que toureava, que jogava as armas, os herois das frescatas noturnas...

—Havia Severas ainda!

—Os clubs mataram o carnaval dos teatros...

E outra vez o actor se põe a recordar o seu D. Maria:

—Havia sempre surprezas. Nesse tempo o espectaculo começava ás 8 e terminava ás 11 horas. De corrida, á presa, armando a casa para o baile...

—As peças...

—Peças do reportorio. Uma de Costa Amorim fez um sucesso. Era o *Enforcado*, um estudante a quem injectam sangue de gato e passa todos os actos a miar atraz das mulheres...

—E os actores...

—O palco era o teatro da alegria. Animava-se o publico. Havia sempre surprezas... Dum caixote que dois galegos traziam para a scena, saltavam os artistas. Caracterizações exoticas, vestidos de estarrecer e logo, logo, cada artista, agarrava par e a dança enloquecia...

—Gente desse tempo...

—Actores velhos: Teodorico, Pai Rosa, João, Tasso... Olhe, — e aponta para uma parede — os mortos estão ali!

E' uma parede, uma grande parede com retratos de atitudes, de mascaras, sorrisos daquele dia, a recordação de jantares, de aniversarios, borboletas de acontecimentos que ali ficaram de azas pregadas, como num museu e que amanhã um pé de vento, desfaz.

E repete:

— Os mortos, estão ali!

— Tantos! Tantos!

— Havia então o vicio nobre da camaradagem. Os ensaios começavam ás 10 e acabavam á hora que os de hoje principiam...

— Vidairada alegre...

— As quintarolas onde reuniamos, ficavam ás portas de Arroios. Era o Papagaio. Era o José dos Pacatos, por ultimo o Perna de Pau... Faziamos grupos... Era frequente encontrar cinco e seis actores pela rua...

José Ricardo lembra agora as ceias:

— Cada grupo tinha a sua casa. Se o Telmo e o Cardoso, durante quatorze anos comeram no velho Tacão; outros ceavam sempre no Magina ou no Taboas... Antigamente ceava-se...

— E o Carnaval dos actores...

— Era um acontecimento. Gente que nunca os tinha visto senão no palco, pintados, vestidos, nesse dia, ia jantar ao restaurant escolhido por nós, fóra de portas... E então comia-se, bebia-se, havia fado.

Na sala onde nós estamos, uma sala de ha quarenta anos, numa rua velha, que tem arvores que vêm bater as janelas deste segundo andar, calmo, em que o tempo espera, como se ainda estivessemos no seculo passado, e agora mesmo passasse sobre a calçada uma sege, cortinas cerradas, amor e misterio lá dentro, batendo viva para Bemfica, José Ricardo, incansavel, conta, conta sempre:

—Nos carnavais de ha quarenta anos, sabe lá você, que interesse e que enigma pairaram sobre uma senhora, a quem deram o nome de *Saloia do Carnaval!*

—Porque, esse nome...

—Entrava nos teatros como se viesse de Loures ou de Fanhões. O cestinho dos ovos; o donaire; a voz caracteristica. O que ela intrigou! Espirito muito fino, um alerta constante, ela mistificou todos... Pedia esmola para os pobres...

—E quanto tempo durou esse misterio?

—Vinte anos!

—Vinte anos! — repetimos.

—Logo que ela saía do baile e se metia na tipoia, era uma perseguição feroz. Os cavalos do carro, onde se escondia essa simpatica mulher, arrancavam fogo ás pedras... De uma vez quasi a tiveram presa, mas ela fugiu, e o misterio continuou...

—Durante vinte anos!

—No fim soube-se quem era... Uma senhora viuva, Osorio, que se dava com toda a aristocracia. Conhecendo-lhe as baldas, ela adaptava-lhe ironias.

—Como se soube o nome?

—Ela deu por finda a sua missão. Parecia cumprir um voto... Quarta feira de cinzas, o *Diario Ilustrado*, o *Noticias*, outros, anunciavam as quantias que a *Saloia dos Carnavais* lhes tinha enviado para os pobres...

José Ricardo evoca sempre:

—E as dansas! As dos padeiros! As dum grupo de Belem. Vinham de coturnos vermelhos, com arcos afestoados de rosas de papel. Erguiam-nos nas ruas e faziam coreografias...

—Até isso desappareceu!

—Tudo! desappareceu tudo! Hoje, o D. Maria tem boinas e marujos. Tudo falso, reles... Naquele tempo, quem fôsse quarta feira de cinzas para as hortas, encontrava os coturnos vermelhos. Era a *panache*... *Olha! aquele andou na ronda!*

—E só havia bailes na semana gôrda...

—O D. Maria dava-nos o primeiro em dezembro e depois todos os domingos...

—Quanto rendia cada um...

—Baile com espectaculo, o maximo, um conto de réis. Nem isso talvez? Hoje! Hoje! O club matou o Carnaval dos teatros! Acredite, é isto!

* * *

Da nossa cadeira vemos o museu do artista. E' a vida em retratos. O tempo em retratos. A comedia da vida feito a serio no palco, que ali está. São tipos e não é o homem. São peças! E' o sentimento que a nuance fisinomica traduz. Os mortos ao lado dos vivos; os vivos vivendo dos mortos. Bocas que falam, atitudes de escrita, mocidades reveladas e velhices encobertas. Tempo de ha quarenta anos! Anos de gloria, grupos com indumentarias que nos fazem sorrir. O que diriam de nós, os nossos netos!

José Ricardo, pequenino, salta. E aponta para as recordações que se atropelam, naquela cripta onde a luz é tão grande que cega. A maior gente do tempo!

Vitrines largas na sala. E uma delas tem coroas. Laureis que reverdecem! Oh! como estas capelas que dão gloria, estão perto da morte!

Pela boca de José Ricardo, seus setenta anos de teatro, toda aquela gente que passou e que está nesta sala, vivem! Vivem? Apenas uma hora. Cavamos as cinzas. E' cheia de cinzas, esta pagina. Ela aqui fica, para daqui a quarenta anos!

BANCO EMISSOR CLANDESTINO

UMA FABRICA DE CEDULAS FALSAS

Um dos presos denunciou o fabricante que está sendo procurado pela policia

Falso, é todo o dinheiro que para aí corre, desde que o Estado, num desvairo, começou atirando notas aos montões para o mercado. De maneira que, perdida a noção do seu valor, o publico nem se dá ao trabalho de vêr se são boas ou falsas as notas que lhe impingem.

Constantemente, estão a ser descobertas fabricas de moeda falsa. E o mais engraçado é que os falsificadores, despresando o dinheiro grado, se entregam quasi exclusivamente ao fabrico de miseras e mesquinhas cedulas de tostão e meio tostão. Em carros electricos, em carvoeiros, em tascos, elas lá vão circulando as pobres cedulas falsas, confundidas de tal maneira com as suas colegas da Casa da Moeda, que ninguem as distingue, nem nisso pensa.

* * *

Ora ontem, quando o empregado da Boa-Hora, Raul Luís Pratas, entrou numa casa do Poço do Borratem, para tomar uma bebida, o caixeiro fez grande alarido, por verificar que eram falsas as cedulas com que lhe pagara. Acorreu o chefe Alves da esquadra da Mouraria que o prendeu, averiguando-se logo que ele as recebera na filial do Val do Rio, na rua do Arco do Marquês de Alegrete, 20 e 22, onde o empregado Francisco Costa exercia a função de passador.

O Costa foi preso e conduzido, sob rigorosa incomunicabilidade, para a esquadra das Monicas.

Pouco depois, era preso outro caixeiro da casa Val do Rio, Artur Pereira Pinto, da filial da rua dos Correeiros, 44.

Quer numa, quer noutra casa, poucas cedulas foram apreendidas.

O Artur Pinto foi conduzido para a esquadra do patio de D. Fradique.

As investigações estão a cargo do chefe Murtinheira que destacou o agente Rosa, da 1.ª secção, para interrogar o Pinto.

Este, confessou que realmente havia combinação com o Costa e com outros caixeiros de varios estabelecimentos para a passagem de cedulas falsas. Estas eram fabricadas por um individuo cujo nome o Artur revelou á policia que imediatamente procedeu a varias diligencias para a sua prisão.

Já ha muito tempo que na esquadra da Mouraria apareciam queixas de varias pessoas a quem os referidos caixeiros passavam as cedulas.

Parece que o fabricante trabalhava em larga escala, inundando Lisboa de cedulas do seu banco clandestino.

União Central de Abastecimentos

SOCIEDADE ANONIMA COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

(Colocação directa de productos agricolas—Fornecimento aos associados comerciantes, lavradores ou consumidores de generos de 1.ª necessidade)

Capital inicial 250.000$00—Capital ilimitado

SUBSCRIÇÃO DE CAPITAL

Está aberta de 22 de Janeiro a 11 de Fevereiro a subscrição publica de acções de socios fundadores desta Sociedade, nas seguintes casas de Lisboa, Porto e suas filiais e agencias do Continente

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS
BANCO NACIONAL AGRICOLA
JOSÉ AUGUSTO DIAS, FILHO & C.ª
ASSOCIAÇÃO CENTRAL DE AGRICULTURA PORTUGUESA—Rua Garrett, 95
PREVIDENCIA AGRARIA INSTITUIÇÃO DE SEGUROS—Largo do Carmo, 18, 1.º
FEDERAÇÃO DE SINDICATOS AGRICOLAS DO CENTRO DE PORTUGAL—Largo do Carmo, 18, 1.º
e na sede da Sociedade, Rua da Horta Sêca, 32, 1.º—Telefone C. 2.007

Acções de Esc. 50$00—Maximo de capital remunerado a subscrever por cada socio, Esc. 6.000$00—Acções pagas de pronto, ou em cinco prestações mensaes, das quais a primeira no acto da subscrição.

A DIRECÇÃO
Dr. Augusto Lobo Alves—Presidente
Dr. Jeronimo do Couto Rosado—Vice-Presidente
Dr. Tiago Sales—Vice-Presidente
Domingos da Cruz—Secretario
Jorge Botelho Moniz—Administrador-Delegado

Para CURAR ou ALLIVIAR a
TOSSE
TOME AS ANTIGAS E AFAMADAS
PASTILHAS PEITORAES
DO
DR. ANDREU
DE BARCELONA
Parecem a expectoração e a tosse desaparece quasi sempre antes de se acabar a primeira caixa
SEO ANTIGO CREDITO DATA DO ANNO 1886

ASTHMATICOS
usae os CIGARROS e PAPEIS AZOTADOS do mesmo AUCTOR
que calmam immediatamente a ASTHMA por mais forte que seja.

DEPOSITO EM TODAS AS PHARMACIAS
Depositarios gerais para Portugal e Colonias:
Gimenez-Salinas & C.ª
9, Rua Nova da Trindade, 1.º—LISBOA

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO
QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á
THE LISBON COAL & OIL FUEL C.ª L.da

LISBOA	PORTO
Rua do Crucifixo, 49	246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Se tiverem mercadorias a expedir para França, empreguem os vagons da casa V. DUBOC, 15, Rue Beaurepaire, Paris, que vão directamente de Lisboa e Porto a Paris-Ivry sem transbordos nas fronteiras espanhola ou francesa. Assegurareis assim um serviço rapido, e as mercadorias não ficarão sujeitas a quebras ou roubos durante a viagem

AOS EXPORTADORES

CORRESPONDENTES:

Em Lisboa: Guerreiro Gala, Limitada	No Porto: Empr. de Transportes l'Eclair, L.da
11, Largo de S. Domingos	5, Rua da Fabrica

BOAS MOBILIAS

Antiga marcenaria do Desterro
Exposição permanente para venda directa ao publico por preços do fabricante e seu proprietario

Manuel Filipe da Silva Junior

Variado sortimento de mobilias em todos os generos, o que se fabrica de mais solido confortavel e chic.
Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.
Maples cobertos em pele verdadeira de varias côres
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Uma visita a titulo de curiosidade e confronto
Rua do Desterro, 17 a 29

NÃO COMPRE OS SEUS FATOS sem pedir amostras
AOS FABRICANTES
ROSA & IRMÃO
COVILHÃ

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A QUESTÃO DO RUHR

10.000 FERROVIARIOS FRANCESES ENCONTRAM-SE NAS REGIÕES OCUPADAS

A falta de viveres

LONDRES, 10.

A ocupação do Ruhr está produzindo os seus resultados, porquanto a França começa a obter mais carvão, segundo o testemunho dos correspondentes dalguns jornais londrinos. Em Essen ha escassez de viveres e em Berlim cada vez se faz mais sentir a falta de combustivel.

A França começa a dominar a desorganização causada deliberadamente pelo governo alemão no Ruhr e o resultado são as remessas sempre crescentes de carvão para a França.

Chegaram ao Ruhr 4.500 ferroviarios, prefazendo um total de 10.000 na zona ocupada. A França espera poder assim obter por mês a produção e transporte de 1.500.000 toneladas de carvão e coke da Alemanha.

Um telegrama de Paris anuncia que o governo de Berlim está procurando organizar as classes medias das zonas ocupadas contra a França. A falta de viveres no Ruhr causa certa anciedade aos alemães. que por isso ameaçam destruir as relações normais com o resto da Alemanha.

Comunicam de Paris que os governos francês e belga conferenciaram ontem com os peritos militares sobre as novas medidas a adotar no Ruhr.—R.

O incidente de Wanne

e os comentarios que se bordaram

BERLIM, 10

Os jornais desta capital, dando a noticia da detenção em Wanne, pelas tropas francesas, do rapido Essen-Hamburgo, publicaram as narrações mais fantasistas sobre o incidente, lamentando que os franceses tenham cometido actos de violencia. Todavia um telegrama expedido de Essen para a agencia Wolff, obriga a reconhecer que o condutor do comboio que, segundo os mesmos jornais, foi espancado á coronhada pelos soldados franceses, ainda está vivo.—(H.)

Harding

e a atitude dos Estados-Unidos

WASHINGTON, 10

O presidente Harding forneceu uma nota á imprensa declarando que, ao contrario do que se insinuou, o governo americano não quer servir de medianeiro entre a França e a Alemanha.—(R.)

Os generos

em 10 dias, sobem 400 por cento

BERLIM, 10

O preço dos generos na Alemanha têm subido assustadoramente, tendo no curto espaço de 10 dias aumentado como media geral 400 vezes mais.—(R.)

A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operaria

Sapatos em calf-preto para senhora. a . .	19$00
Sapatos em verniz todos os modelos a. .	20$00
Botas calf-preto com duas solas.	27$50
Grande saldo de botas brancas	17$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de côr para homem a. . . . . 27$00

Vão vêr, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, Rua dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 66

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

UM ACORDO ENTRE FRANCESES E ALEMÃES?

Os efeitos da resistencia passiva

A França começou já a perceber que a ocupação do Ruhr não lhe deu os resultados que esperava; nem sequer podendo tirar do carvão arrancado ás minas alemãs a compensação das despesas enormes a que a obriga a acção militar efectivada.

O povo alemão — todas as classes unidas na mesma decisão — cumpre rigorosamente as ordens de Berlim, opondo aos franceses quantos obstaculos se lhe deparam.

O proprio sr. Le Troequer, ministro francês, das Obras Publicas, regressado ha dias do Ruhr, pintou a situação com as tintas mais carregadas do pessimismo.

A desorganização voluntaria e metodica, e com ela a sabotagem, que se praticam nas linhas ferreas por ordem do governo do Reich, são esmagadoras. Foram falseadas as agulhas, as lanternas, e os farois das estações; trocam-se sistematicamente todos os sinais; do que resulta, não obstante o enorme esforço dos soldados e dos engenheiros franceses, terem os comboios que circular com grande lentidão, quasi palpando o caminho metro a metro para evitarem as catastrofes, sempre iminentes.

Os actos de sabotagem são de tal maneira frequentes e numerosos, que as patrulhas e os postos encarregados da vigilancia das linhas ferreas receberam ordem de fazer fogo sobre quantas pessoas podendo tornar-se suspeitas, forem vistas proximo das vias. E como se medida tão extrema não bastasse a amedrontar os alemães teimosos, foi tornado publico, ainda, que os delinquentes detidos serão julgados por um tribunal que poderá condená-los á morte se assim o entender conveniente.

Ao mesmo tempo, as greves continuam; e continuam as represalias, tendo todo o comercio da região ocupada tomado a decisão de não fornecer coisa alguma, nem que lhe paguem muito bem, ás tropas inimigas.

* * *

Henry Bidon escrevia ha dias no «Figaro» esta confissão, que é tanto mais insuspeita quanto é certo que o conhecido diario parisiense é retintamente conservador: «Desde a ocupação, as entregas de carvão, de koke, e de materias colorantes estão totalmente suspehsas. Ha três semanas que os comboios não trazem para França nem um grama, sequer, de carvão ou de kok. Os alemães conseguiram desorganizar o trafico do Ruhr».

Será isto, já, o preparar do «volte-face» que se anuncia nas relações franco-alemãs?

E' que, segundo afirmam os entendidos tanto os franceses como os alemães iniciaram já, extra-ofirialmente embora, negociações tendentes á conclusão de um acordo que ponha termo á situação de beco sem saida em que vem a dar a ocupação da bacia mineira.

E aqui têm os senhorês, como a força dá, ás vezes, em fraqueza.

Banco de Portugal

Assembleia Geral Ordinaria

A sessão periodica da Assembleia Geral Ordinaria ha-de ter logar no dia 28 do corrente mez, pelas 14 horas (2 horas da tarde), no edificio do Banco, para discutir e deliberar sobre o balanço, relatorio e mais documentos apresentados pelo Conselho de Administração, discutir e votar o parecer do Conselho Fiscal, e bem assim proceder á eleição de Directores, vogais do Conselho fiscal, e vogais substitutos, tanto da Direcção como do Conselho Fiscal, tudo conforme os artigos 41.º e 42.º dos Estatutos.

Os livros gerais do Banco estarão patentes aos srs. Accionistas nos quinze dias da lei, para os poderem consultar.

O Relatorio do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal da gerencia de 1922, vão ser distribuidos e distribuem-se no estabelecimento aos srs. Accionistas que os não recebam.

Lisboa, Secretaria da Assembleia Geral do Banco de Portugal, 7 de fevereiro de 1923.

O secretario,
(a) Fernando Enes Ulrich.

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, naris e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

Laboratorios de Farmacia

Instituto Pasteur de Lisboa

◂LYOL▸

(Topico oxygenado)

CURA:

FERIDAS — ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇÕES DE PELE

FARMACIAS:

LISBOA—R. N. do Almada, 68
PORTO—R. dos Clerigos, 36

NOVAS DA AMERICA

CANAL PARA LIGAR DOIS OCEANOS VAI SER FEITO PELOS ESTADOS UNIDOS

Um segundo Panamá

NOVA-YORK, 10

Os Estados Unidos pretendem construir um segundo canal interoceanico para ligar o Atlantico com o Pacifico, ou através de Nicaragua ou até junto da zona do canal de Panamá. As despesas da empresa seriam custeadas pelos rendimentos do canal de Panamá, no caso de ser aceite a propostá do secretario da Guerra. Consta que o governo obteve garantias de que a Costa Rica entraria facilmente em negociações para esse efeito.—(R.)

«Match de box»

entre Dempsey e Joe Becket?

LONDRES, 10

Joe Becket, campeão inglês de «box», vai ter um «match» de «box» com Dempsey, em julho ou agosto, segundo ontem foi informado em Londres.—(R.)

As dividas

entre a America e a Inglaterra

WASINGTON, 10.

A Camara dos representantes ratificou a liquidação da divida britanica para com a America.—(H.)

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — ás 24 (meia noite)

INAUGURAÇÃO

dos deslumbrantes bailes de Carnaval

2 bandas de musica, 2
Vistosas ornamentações
Surpreendentes
Iluminações
Entradas para o baile 4$50

Os bailes mais animados e mais baratos de Lisboa

—ÁMANHÃ— Grandiosa «matinée» —

Seguida de um magnico e interessante

BAILE INFANTIL

PREÇOS

Camarotes de 1.ª, 25$00; de 2.ª: 17$50; fauteuils, 6$00; geral reservada, 2$20 e GERAL: 1$70

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O 19 DE OUTUBRO

OS DISCURSOS DE DEFEZA

O capitão Camilo d'Oliveira

foi ha dias convidado para entrar numa revolução

A audiencia reabriu as 13,15 horas. Ao contrario dos dias anteriores, a força de cavallaria foi reforçada por dois pelotões, commandados por três oficiais e quatro sargentos. A guarda de honra que tem sido feita por infantaria da G. N. R., foi substituida por uma força composta de praças de artilharia, chegadas ontem de Vendas Novas.

E' dada a palavra ao sr. dr. Gouveia, defensor do capitão sr. Camilo de Oliveira. Cumprimenta o tribunal e a imprensa.

—Que os reus estão inocentes, toda a gente o sabe. Como nasceu este processo? Por uma cabala politica. Como cresceu e se desenvolveu? Pelo boato, que é como o fogo. Falou-se numa lista que não existiu. Este processo, srs. jurados, foi alimentado pelo vesgo odio dos politicos. Em 3 de novembro de 1834, fez-se um movimento revolucionario, em Lisboa, tendo sido morto pela selvageria dum guarda municipal, Agostinho José Freire. Alguns se lembraram de tornar cumplice Passos Manuel? Não. O que se está fazendo é um caso novo em todo o mundo. Nem a historia, nem a legislação portuguesa consentem que estes homens sejam chamados á barra deste tribunal.

Com energia:

—Ouvi dizer já lá fóra, nos cafés, e nos corredores deste tribunal, que v. ex.as, srs. jurados, iam condenar estes homens, por infracções desciplinares. Não o acredito. V. ex.as não podiam dizer as suas opiniões antes de reunir. E' um absurdo condenar estes homes por rebelião. A revolução triunfou.

Sobre a acção do seu constituinte:

—Quando Camilo de Oliveira pedia para que se abrisse a porta do Arsenal, duma arma traiçoeira parte um tiro que prostra o malogrado Freitas da Silva. O sr. promotor acusa o meu constituinte de falta de previsão. A previsão é uma qualidade do homem. Nem ha artigo, algum da lei que se refira ao caso. Se a camionete fosse atacada pelos discolos na rua Augusta, diriam certamente que ele devia ter ido para o Arsenal, onde estavam os elementos de confiança. O capitão Camilo de Oliveira e o alferes Lopes Soares cumpriram os seus deveres, a Providencia é que falhou.

Recorda os depoimentos das testemunhas de defeza que prestaram justiça á valentia do seu constituinte.

—Camilo de Oliveira quando me procurou, para tomar conta da sua defeza disse-me que queria sair absolvido do tribunal, não juridicamente, mas moralmente. O meu constituinte foi procurado ha dias para entrar numa revolução. Não quiz. Estou a ver no seu rosto, que está contrariado por esta revelação; ele que me perdôe.

E num repto:

—Se v. ex.as julgarem, com a prova, ficarão bem com as suas consciencias; se condenarem, contra a prova, a responsabilidade recairá sobre as vossas cabeças.

* * *

O capitão sr. Paula Pacheco, defensor do alferes Lopes Soares, afirma que, não sendo bacharel, se encontra ali a defender um amigo, um inocente, um heroi. Este julgamento tem sido a vergonha para o exercito portuguez.

—Quiz-se apresentar estes homens como autores dos morticinios, quando os seus autores não engeitam essas responsabilidades. Quando a turba multa avança, não ha ninguem que tenha força para se oppor aos seus desmandos.

Em seguida lê um relatorio em que salienta o heroismo do seu constituinte no combate de Monsanto, e pede justiça.

* * *

Ergue-se agora o major sr. Ferreira do Amaral, defensor do major sr. Arez. Cumprimenta o tribunal e a imprensa.

Está falando á hora a que escrevemos.

Um choque de veículos

Na Avenida da Liberdade, deu-se de manhã um choque entre o automovel 2.226, de que era «chauffeur» Joaquim Simões e a «side-car», guiada por Arlindo Teixeira, resultando ficarem os dois veículos com avarias no valor de 500 escudos cada um.

A CARESTIA DA VIDA

O PÃO VAI SUBIR DE PREÇO

1.ª qualidade . . . 1$70
2.ª qualidade . . . 1$00

Fala o sr. ministro da Agricultura

O sr. ministro da Agricultura, apesar da embrulhada do novo regime cerealifero, estava hoje de muito bom humor. Tão de bom humor, que não mostrou a minima relutancia em nos receber—coisa tão fóra do seu costume. O chefe de gabinete disse-nos que esperassemos um pouco—até o sr. ministro acabar uma conferencia. Efectivamente, acabada a conferencia, o sr. dr. Foutoura da Costa recebe-nos.

—Trata-se do magno problema do pão—dissemos, puxando para junto da secretaria ministerial a cadeira mais proxima.

—Vai subir de preço...

—Subir de preço?

—Não ha remedio. O Estado, com o regime do pão politico, está sendo lesado em muitos milhares de contos. E não ha razão para isso...

—Mas...

—E' assim mesmo. O Estado está comprando pão a um escudo e trinta centavos. Entregando-o a oitenta centavos, perde, nada mais nada menos, do que cincoenta. Em 15 mil toneladas, importancia gasta em Lisboa e Porto, representa uma despesa mensal de perto de 7:000 contos. Não pode ser.

—Acha, pois, necessaria a abolição do pão politico, não é verdade?

—Absolutamente necessaria. Se nada está tabelado, porque razão o ha de estar o pão?

—O pão é o alimento base de todos nós.

—Porque é o que está mais barato.

—O consumo do pão tem aumentado?

—Aumentado e muito. Primeiro, porque é barato—na provincia o pão é muito mais caro do que em Lisboa—segundo, porque a população de Lisboa parece crescer dia a dia. E ver a quantidade de gente que anda pelas ruas...

—A ideia do pão politico veio de fóra...

—Sim, mas hoje nenhum país está com ele. A França gastou com o pão politico 4 biliões de francos; a Inglaterra 50 milhões de libras.

—Qual o papel do Estado no regime que se seguir a este?

—Como no regime anterior, ao Estado caberá o papel de fixador do preço.

—Dois tipos de pão?

—Sim, dois tipos.

—A um escudo o de segunda; a um escudo e setenta centavos o de primeira.

—!

—Não ha remedio. O Estado tem-se sacrificado demasiadamente...

DE LUTO

D. Maria Guilhermina Chaves Ferreira

Faleceu hoje a sr.ª D Maria Guilhermina Chaves Ferreira, filha estremecida do major sr. Antonio Bernardino Ferreira, antigo ministro do Interior. O funeral da desditosa senhora, que apenas contava 21 anos, realiza-se ámanhã ás 11 horas, saindo o prestito funebre da rua João Crisostomo, 27, rez do chão, para o cemiterio dos Prazeres.

O *Diario de Lisboa* apresenta a toda a familia e em especial a seu pai, os mais sentidos pezames.

DESTROYER «GUADIANA»

O destroyer «Guadiana» aguarda no Funchal a ida ali do cruzador Carvalho Araujo ou do cruzador «Republica», para vir para Lisboa a reboque de qualquer destes dois navios.

LEILÃO DE LIVROS

No Palacio Azambuja—«o nosso Hotel Drouot»—o livreiro Armando Tavares, a quem se deve a editoração de algumas boas obras de investigação, entre as quais avulta a «Revista de Ex-libris Portugueses», vai fazer em 19 de março o seu primeiro leilão: das bibliotecas de Silva Leal e Conde de Azambuja. No catalogo que acabamos de receber descrevem-se, entre outros livros interessantes, o unico exemplar completo do «Boosco deleytoso», a cronica manuscrita do Convento de Grijó, a Historia do Colegio dos Orfãos, Cartas de reis, escritores e politicos, etc.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74. RUA DO CARMO, 74

NA POLONIA

O chefe da Egreja Ortadoxa

foi assassinado

LONDRES, 10.

Comunicam de Varsovia que o arcebispo Georges, chefe da Egreja Ortadoxa da Polonia, foi assassinado pelo abade Lateszenko, que é partidario da dependencia da Egreja ortodoxa da Polonia, de Moscow. O arcebispo Georges publicou no ultimo ano uma proclamação da independencia da egreja polaca. O assassino foi preso. (R.).

CAMBIOS

DIA 10

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 1|4	2 23|16
» 90 d. v.	2 9|32	—
Paris	1$418	1$460
Berlim	1|2	1
Holanda	9 008	9$260
Espanha	3$506	3$670
Bélgica	1$255	1$292
Italia	1$102	1$134
Suiça	4$285	4$407
Suecia	6$053	6$228
Noruega	4$204	4$326
Dinamarca	4$258	4$382
Nova-York	22$791	23$455
Brasil	2$650	2$730
Rio Londres	5 31|32	—
Libra esterlina	110$000	115$00
Agio do ouro	2$350	2$4000

DR. AMANDIO CAMPOS
Com pratica nos hospitais de Paris e Londres
SYPHILIS, R. do Carmo, 69, 1.º, ás 5 da tarde

DOMINGO GORDO

O CARNAVAL NA AVENIDA

A vedação da rua central

ficou esta tarde concluida. Os peões pagarão 1 escudo

Esta tarde, já se encontrava concluida a vedação da rua central da Avenida da Liberdade, trabalho este, que foi executado por praças do exercito.

O sr. Governador Civil autorizou que as brincadeiras sejam livres, mas só naquela arteria, revertendo o producto liquido a favor dos pobres da capital, das casas de beneficencia e da construção de um bairro popular.

O recinto abre ás 13 horas, havendo cadeiras para os peões, bandas de infantaria 1, Sapadores Mineiros e da Marinha.

Foi muito notado não se ter oferecido para abrilhantar as festas carnavalescas a banda da G. N. R.

A entrada dos peões no recinto da Avenida da Liberdade custa um escudo e não cinco conforme ontem noticiámos.

Tolerancia de ponto

O sr. ministro da Marinha autorizou que houvesse tolerancia de ponto nos dias 12 e 13 no seu ministerio e feriado na Direcção dos Serviços Maritimos.

Fogo na Calçada da-Boa Hora

Esta tarde, pelas 14 horas, houve incendio na calçada da Boa Hora, 96, numa fabrica de vernizes, pertencente á Federação Santana Miranda. Deu causa ao fogo a fabricação de verniz num caldeirão de grande força. Compareceram os bombeiros, que aplicaram uma agulheta. A fabrica estava segura na «Fidelidade».

FRADES GONDOLESES

Com as suas vestes tão bizarramente caracteristicas, desembarcam ámanhã na Estação do Rocio pelas 15 horas, os 26 frandes gondoleses que compõem a Missão presidida pelo celebre frade Vaspael.

Este acontecimento vai decerto atrair enorme multidão de curiosos pelo inidétismo do espectaculo.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

Salão Aureo
SEMPRE SORTIDO EM CHAPEUS PARA LUTO
246—RUA DO OURO—248
LISBOA